

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i1.2242>

Da Simulação de Cientificidade: “Amor Esquecido”... de quê?

João Carlos Cattelan

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7344>

Submetido em: 2023-11-09

Postado em: 2023-11-10 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

DA SIMULAÇÃO DE CIENTIFICIDADE: “Amor Esquecido”... de quê?

ON THE SIMULATION OF SCIENTIFICITY: "Forgotten Love"... but, what was forgotten?

João Carlos Cattelan
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7838-5284>

RESUMO: Para Malidier (2003), Michel Pêcheux (1995) postulava a descontinuidade entre a ideologia e a ciência, afirmando que a aparência de reunificação entre elas residiria no fato de a primeira se simular como a segunda, por mobilizar processos discursivos que partilham o mesmo funcionamento enquanto materialidade verbal. Com este estudo, busco refletir sobre como se dá esta *simulação*, valendo-me do que o filósofo francês designa como *terceiro elemento*, buscando teorizá-lo e observá-lo, sobretudo, no que diz respeito ao uso do conectivo condicional “se” no filme “Amor Esquecido” da Netflix.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Terceiro Elemento; Condicionalidade; “Amor Esquecido”.

ABSTRACT: According to Malidier (2003), Michel Pêcheux (1995) postulated the discontinuity between ideology and science, stating that the appearance of reunification between them would reside in the fact that ideology simulates science by mobilizing discursive processes that share the same functioning as verbal materiality. With this study, I seek to reflect on how this simulation takes place, based on what the French philosopher designates as the third element, in order to theorize it and observe it, especially with regard to the use of the conditional connective “if” in the film “Forgotten Love” on Netflix.

KEYWORDS: Discourse; Third Element; Conditionality; “Forgotten Love”.

- Desculpe o que eu disse. Não acreditava...
 - Eu entendo. Você tinha todo o direito.
 - Acredito na ciência. Quero estudar medicina.
 - Maravilhoso.
- (“Amor Esquecido” - Netflix - 1:41:27)

Introdução

De acordo com Malidier (2003, p. 27), em “**A Inquietude do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**”, o filósofo francês atentava para “a aptidão dos discursos ideológicos a simular o discurso científico”; formulação intrigante: porque postula a cisão entre discursos claramente discerníveis: de um lado, os discursos ancorados nos preceitos da ciência; de outro, os pautados na ideologia, com a conclusão de que nem todo discurso é ideológico e, sem cair no relativismo cético, há discurso científico; porque, se um simula o outro, os discursos podem produzir um efeito de cientificidade, sem o discurso ideológico se tornar científico, devendo haver alguma forma de separá-los. Por fim, porque, se há por parte do discurso ideológico a produção de uma *simulação* (grifo meu), ela deve se constituir sobre a materialidade verbal, campo do simbólico e, forçosamente, pertencente ao discursivo. Este conjunto de questões orienta um dos objetivos deste estudo, a saber, a busca de alguma luz sobre a simulação alegada.

Com o objetivo de compreender como se processa a simulação, recolho dados do filme

da plataforma de streaming Netflix, “Amor Esquecido”, com a justificativa de que, além de dar concretude ao postulado do filósofo francês, o que é uma das vantagens que estudo me traz, me permite adentrar num mundo imaginário e ideológico um tanto dissonante, o polonês, cenário em que a obra foi alocada e cuja “narratividade”, por meio da ficção, permite um acesso relativo ao universo agrícola do interior da Polônia do início do século XX; eis o segundo objetivo.

Como forma de atender aos dois objetivos, foco a atenção no uso reiterado do conectivo condicional “se”, atentando para as relações “lógicas” que ele estabelece, em termos de, dada a condição, haver uma conclusão que se impõe como necessidade sustentada por uma ideologia que simula um efeito de cientificidade. Sob a forma material de um efeito do tipo “se/então”, o conectivo de condicionalidade não só articula processos silogísticos pautados em raciocínios demonstrativos, como também, pautando-se na simulação de efeito lógico, confirma o pleito de Pêcheux e ajuda a compreender a simulação alegada: eis o terceiro objetivo.

1. Sobre a Simulação de Cientificidade

A afirmação de que Pêcheux postulava a aptidão dos discursos ideológicos gerarem um efeito de cientificidade em “**Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**” se confirma em fragmentos como “os processos ideológicos simulam os processos científicos” (1995, p. 91), “da simulação dos conhecimentos científicos no desconhecimento ideológico” (p.124), “acobertamento ideológico da descontinuidade” entre a ideologia e a ciência (p. 124), “mascara radicalmente qualquer descontinuidade epistemológica” (p. 128), “o mascaramento de descontinuidade entre conhecimento científico e desconhecimento ideológico” (p.129) e “acobertamento da oposição *ciências/ideologia*” (p. 131 - grifos do autor), entre outros.

A insistência do filósofo francês sobre a descontinuidade entre ciência e ideologia indica a preocupação em relação à ideologia se mostrar como ciência e o esforço para discernir entre “processo científico-conceptual” e “processo nocional-ideológico” (1995, p 76); um “consiste em colocar a independência do mundo exterior (e do conhecimento objetivo das suas leis) em relação ao sujeito”; o outro aponta “a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior”. Se, desse modo, há um mundo que independe de o sujeito conhecer ou postular a sua existência, há outro que só subsiste sob a assunção e o suporte de sujeitos que o postulam.

A insistência na cisão entre os dois processos corre também com a defesa de que “os processos nocionais-ideológicos (...) e os processos conceptuais-científicos (...) se constituem como processos discursivos” (1995, p. 93 - voltarei a este ponto) e quando o autor postula que os primeiros são “sustentados por um sujeito” e os segundos são “efeito de determinação do discurso transversal sobre o sujeito (que) induz necessariamente neste último a relação do sujeito com o Sujeito (universal) da Ideologia, que é ‘evocada’, assim, no pensamento do sujeito”

(1995, p.166). Estes pleitos são, até por serem vários, ruidosos o suficiente para exigir que se perceba a defesa da ciência e o ataque à ideologia como interpelação e assujeitamento.

Embora Pêcheux insista sobre a separação entre os dois processos, ele não discorre sobre como ocorre a clivagem entre eles, deixando apenas indicativos do que seria a natureza de cada um. Dedico-me, brevemente, a eles. Os processos nocionais-ideológicos seriam constituídos por crenças, opiniões, convicções e representações que se ancoram numa cosmovisão que, sem suporte objetivo, impõem-se sobre o sujeito, fazendo-o crer que o mundo não pode ser de outro modo. Em que pese o efeito de universalidade que este “saber” produz, ele não resiste ao crivo da realidade e da ciência, desmoronando ante confrontos e polêmicas. No limite, ele é fruto de um tempo, de um espaço e de uma comunidade. A religião, a moral, o direito e a política são casos modelares no que tange a injunções ideológicas. Se, neste caso, parece haver garantia para o asseverado, ela tem relação estrita com quem que a sustenta.

Diferentemente, os processos conceptuais-científicos independem de um sujeito que os garanta; são imunes à defesa e à acusação, impávidos na indiferença. Pêcheux (1995, p. 166) os concebe como o “impossível ‘sujeito da ciência’”, postulado às vezes lido como “a ciência é impossível”, o que me parece infundado. O pleito que o filósofo sustenta não é mais do que o fato de que o conhecimento científico independe do sujeito como garantia: ele não precisa da validação de alguém, por ser autossuficiente e autônomo. Em outros termos, a ciência remete ao “processo sem sujeito” (p. 75), pleito que Pêcheux retoma de Frege, o filósofo da lógica. Se, desse modo, é possível assumir que um conhecimento é científico, isso acontece porque ele independe de que o seu valor seja atestado por alguém.

Se paira dúvida em relação à defesa da descontinuidade entre a ciência e a ideologia por Pêcheux, tendo-se assumir que tudo é ideológico e a cientificidade é um efeito de objetividade produzido por certos discursos, cabe a afirmação do autor de que a ideologia “é exterioridade (para a ciência e para a realidade)” (1995, p. 177 - grifo do autor) e de que, apesar da polissemia, da equivocidade e da historicidade, a linguagem, em casos como o da ciência, por exemplo, tem a “capacidade de construir o unívoco” e produzir a “estabilidade” (2011, p. 56). Em suma: à luz destas considerações e sob a guarida de Pêcheux, assumo a descontinuidade, porque, em tempos de negacionismo irracional, sempre parece salutar manter uma determinada serenidade, sob os auspícios do conhecimento produzido e acumulado pela humanidade com antídoto.

As considerações alinhavadas parecem levar a um paradoxo, porque, se, por um lado, a cisão entre a ciência e a ideologia aponta para uma via bifurcada de sustentação, por outro, elas são reunificadas, já que “se constituem como processos discursivos” (1995, p. 93), o que só se resolve sob a tese da simulação, declaradamente, dos processos ideológicos como se fossem científicos. Pelo fato de as duas se valerem da língua como base comum, elas organizam, em

última instância, processos de raciocínio com efeitos de cientificidade, mas apenas uma resiste ao escrutínio (a ciência), enquanto a outra funciona por simulação (a ideologia).

Pêcheux sustenta a simulação de ciência pela ideologia com o fenômeno linguístico das relativas, mostrando que, no caso das apositivas, às vezes, a sustentação se faz sobre um terreno lógico-racional, mas, às vezes, sobre uma ambiguidade que as faz poderem ser determinativas, dependendo do tempo histórico em que são produzidas. O caso canônico a que ele recorre é “o homem que é racional é livre”, em que, sem as condições de produção, não há como definir em que caso inserir a relativa. Casos como esses fazem perceber que, em que pese os procedimentos linguísticos serem os mesmos, a cientificidade de um não garante a do outro que, por meio de acobertamento, produz o engano e o raciocínio falacioso, aparentando ser o que não é.

Espero ter chamado a atenção, mesmo que de forma abreviada, para a clivagem entre os processos nocionais-ideológicos e científicos-conceptuais e a tese da simulação dos segundos pelos primeiros. Pêcheux o demonstra por meio das relativas; eu pretendo fazê-lo com o estudo do condicional “se”, tendo como suporte o filme “Amor Esquecido”. Para mostrar como ocorre a “simulação” e, portanto, a impossibilidade de tomar a ideologia como ciência, valho-me de outras formulações de Pêcheux, partindo da que julgo mais significativa, embora o filósofo a mencione de passagem e não a elabore como conceito: *terceiro elemento*.

1.1 Sobre o Terceiro Elemento

Tratando do enunciado “Napoleão, que reconheceu o perigo para o seu flanco esquerdo, comandou pessoalmente sua guarda contra a posição inimiga”, Pêcheux (1995, p. 112) afirma que ele provoca embaraços para a lógica, pois, explicitamente, há duas proposições (Napoleão reconheceu o perigo e comandou a guarda), mas, enquanto discurso, há três, dado que a elas vem se juntar uma relação de causalidade entre “reconhecer o perigo” e “comandar a tropa”, o que significa que, se uma proposição se une a outra, expressa mais do que o faria sozinha, já que a articulação entre elas se faz sobre um *terceiro elemento*.

Num outro caso, “a prata, que é fusível, permite fabricar balas de pistola”, rememoração a alguém que precise fabricar projéteis para a arma, Pêcheux (1995, p. 111) alerta para o fato de que, além das duas asseverações efetuadas (a prata é fusível e permite fabricar projéteis), há um terceiro elemento que ancora a articulação: “matéria fusível permite fabricar balas para armas”. Nos dois casos, a partir de duas “proposições”, é possível (imperativo discursivamente) reconstruir uma terceira: o *terceiro elemento*.

Este terceiro elemento que, para Pêcheux (1995, p. 97), do ponto de vista lógico, seria resultado de “imperfeições da linguagem” ou de “adjunção extralógica de natureza psicológica” (p. 116), é o que autoriza a articulação e permite que os segmentos se encadeiem, tornem-se

três, sem gerar incongruência: “São essas relações, no interior das quais se constitui *o pensável*, que formam o terceiro elemento” (p. 125 - grifo do autor). O postulado mostra que os processos de articulação entre as “proposições” se pautam em algo que fica à sombra (o discurso prévio) e que, transversalmente, determina, por um “*efeito de sustentação*” (p. 110 - grifo do autor), que a articulação não seja percebida como incongruente, já que atende ao “pensável”.

Os casos de *Napoleão e prata* corroboram a tese do autor, já que Napoleão perceber o perigo e comandar a tropa se sustentam numa relação causal assim como a prata ser fusível e permitir fabricar balas. Dois pontos a comentar: a reflexão sobre o terceiro elemento pode ser replicada sobre os conectivos (todos) condicionais, que é o caso deste estudo. Assim como as relativas analisadas por Pêcheux como fenômeno linguístico, a seleção de qualquer conectivo reconhecido tradicionalmente autoriza a hipótese da existência de um terceiro elemento de sustentação para a articulação, o que, obviamente, vale para os condicionais.

O segundo é que os dois casos não se articulam sobre um terceiro elemento da mesma natureza, pois *reconhecer o perigo* não obriga um general a *comandar a tropa*, mas saber que *a prata é fusível* permite usá-la como material para balas. Em outros termos, no primeiro caso, há uma relação de causalidade que emerge de um ditame ideológico por meio de “*uma espécie de cumplicidade*” (PÊCHEUX, 1995, p. 114 - grifo do autor), enquanto, no segundo, a relação de causalidade ocorre por meio de “*retorno do saber no pensamento*” (p. 111 - grifo do autor). Esta distinção permite separar os dois processos discutidos anteriormente.

Por fim, julgo relevante o uso de terminologia distinta para os processos em pauta. Ao abordar conhecimentos demonstrativos e irrefutáveis (científicos), Pêcheux se refere ao terceiro elemento “*como evocação lateral*” (1995, p. 111 - grifo do autor) do que se sabe a partir de outro lugar e que serve para pensar o objeto; nos casos amparados na ideologia, o autor afirma que “*essa análise baseia-se em alguma coisa fundamental que está em jogo antes*” (p. 117 - grifos do autor), sendo este jogo produzido por meio da “*identificação* pela qual todo sujeito ‘se reconhece’ como” x (p. 117 - grifo do autor), que é derivada do que o autor designa como “*eficácia material do imaginário*” (p.119 e p. 125 - grifo do autor). Enfim: *retorno do saber*, de um lado; *jogo de identificação*, de outro; e *terceiro elemento* em ambos os casos. Trato, a partir daqui, do objeto de observação proposto para este estudo.

1.2 Sobre o Condicional “se”

Em termos de funcionamento linguístico, os conectivos condicionais, de que o “se” é o caso canônico, introduzem uma sequência que expressa uma condição para que o resultado se verifique, ou seja, por meio de uma premissa do tipo *se/então*, algo deve acontecer para que a consequência ocorra. Em “*se me agredir, você terá a resposta*”, a *resposta* só acontecerá no caso

de a agressão ocorrer. Isto é: se a condição não é atendida, a consequência também não é; caso a condição ocorra, a consequência se impõe com efeitos de necessidade obrigatória.

Atento para uma questão que julgo pertinente: em que pese os conectivos condicionais criarem um efeito de condição imperativa e de consequência necessária, ela se sustenta sobre elementos de natureza distinta, movendo-se sobre um pêndulo opositivo entre a ideologia e a ciência. Isto significa que, embora ambos os casos, linguisticamente, remontem condições que conduzem a um resultado obrigatório, num deles, o suporte é lógico e obrigatório, enquanto, no outro, o ancoradouro é ideológico e conjuntural. Espero também chamar a atenção para esta problemática, embora dê mais atenção ao segundo tipo de funcionamento.

Se, por um lado, os conectivos condicionais dão acesso a suportes de reflexão ancorados em demonstração, por outro, permitem a entrada em crenças e concepções que fundamentam um mundo, simulando-se racionais, quando são juízos pertencentes a condições históricas. Isto significa que os silogismos sobre os quais os condicionais se sustentam se fazem sobre primados racionais ou ideológicos, neste caso, simulando-se como lógico e acobertando a ideologia que, às vezes, age por meio de simulação de reflexão imperativa e racional.

2. Do Amor Esquecido: como assim?

O objeto de estudo deste artigo é o filme “Amor Esquecido”, da plataforma de streaming Netflix, que foi publicado em outubro de 2023. Tendo como base o romance de Tadeusz Dolega Mostowicz, de 1937, intitulado “Znacher”, o longa-metragem tem a direção de Michal Gazda e a participação dos atores Leszek Luchota, como o médico cirurgião Rafal Wilczur, pioneiro em craniotomia, e Maria Kowalska, sua filha Marysia.

Casado com Beata, Rafal é abandonado pela esposa, que leva a filha do casal, Marysia, passando a viver com o guarda florestal, Jan Oksza. Os dois criam a menina como se fosse filha e alegam que o médico estaria morto, o que é confirmado pela mídia, embora o corpo não tenha sido encontrado. Marysia é criada no interior da Polônia com o amigo, Michal. Os pais falecem e Marysia busca sobreviver com um piano e a vontade de fazer Medicina.

Conforme uma das sinopses do filme, “abandonado pela família e sofrendo de amnésia, um cirurgião infeliz e outrora famoso se instala em uma pequena aldeia onde ganha notoriedade como curandeiro”. A aldeia é Radoliszki e o professor Rafal, então, é Antoni Kosiba, nome falso, já que, premido pelas circunstâncias e não lembrando quem é, comprou os documentos de um ladrão que os tinha tomado de alguém.

Sobre a amnésia, importa reter que, ao ser abandonado, Rafal, buscando pela esposa no bairro de onde provinha, é assaltado e agredido com pancadas na cabeça, perdendo a memória. Jersy Dobraniecki, candidato a cirurgião chefe da clínica, presencia o assalto e a agressão, nada

faz para ajudar o colega e denuncia a tentativa de assassinato de Rafal, que ressurgiu 15 anos depois como nômade que vagueia pelas estradas da Polônia.

De posse destes informes, passo a me dedicar ao objetivo deste trabalho, ou seja, ao funcionamento do condicional “se”, que, considerado o uso feito no filme, permite distinguir, a partir do *terceiro elemento*, entre o *retorno do saber* e o *efeito de cumplicidade/identificação* que o acompanham, mostrando-o como disponível para os processos descritos e acobertando a descontinuidade entre ciência e ideologia, por *simulação*. As análises devem permitir, ainda, contribuir para a percepção de como se constitui um imaginário que (não?) é o nosso.

2.1 Se tivesse música...

A primeira sequência discursiva ocorre aos 28:00 e é produzida por Marysia para o dono de uma taberna em Radoliszki, Rosenstein. Com a morte de Jan e Beata, ela busca condições de sobrevivência tendo um piano como meio. Ela ambiciona fazer Medicina e está disposta a trabalhar para isto. Acompanhada por Michal, amigo de infância, ela propõe dar “de graça” o instrumento ao proprietário. Ele fica interessado pergunta quanto vai lhe custar o “presente”. A moça reafirma que é “de graça” e pede para trabalhar. O dono afirma não ter como pagar, dado o movimento pequeno no estabelecimento; Marysia, então, produz a sequência abaixo:

SD1) – Se tivesse música aqui, as pessoas ficariam e ouviriam. Eles comeriam e beberiam. Mas os músicos são caros. Muito caros (27:00).

Seduzido pela proposta da moça, Rosenstein aceita o piano e dá trabalho a ela que, além de outros serviços, toca piano para atrair clientela. O que importa reter, sobretudo, neste estudo, é que a sedução do dono apenas ocorre em virtude do prenúncio vislumbrado de lucro, no caso de ter um músico para animar o local, o que Marysia assume e demonstra por meio do que passa a acontecer no local, muito mais festivo e frequentado.

Entendo que se deve perceber que o discurso de Marysia está amparado sobre um ditame condicional de haver música para haver lucro e cuja ausência não dava a Rosenstein o retorno almejado. Na contramão da mirada ideológica capitalista do acúmulo de bens materiais de “A Cigarra e a Formiga”, a atividade artístico-musical é concebida como um atrativo de consumo e, por isso, de lucratividade e a relação se/então se ampara, transversalmente, sobre o terceiro elemento “a arte (música) gera lucro”, que, embora ideológica, cria um efeito de cientificidade, por meio da imposição de uma conclusão “obrigatória” irrecusável.

2.2 Se estiver procurando trabalho...

Rafal, após 15 anos, perambula por estradas do interior da Polônia e se depara com um

incidente provocado por rapazes que apostam uma corrida entre uma égua e uma motocicleta. O cavalo que puxa a carroça de uma camponesa se assusta, dispara e o veículo perde uma das rodas e cai numa vala. O auxiliar de Zofia, a condutora, desloca o ombro e Rafal o recoloca no lugar; além disso, ergue a carroça para o conserto ser feito. Encantada, Zofia pergunta para onde Rafal vai e ele diz não saber, pois não sabe o que procura. Então, ela afirma:

SD2) – Então, talvez não vá para Redom. Talvez para Rzesow ou Cracóvia. Ou para minha casa... Para o meu moinho, se estiver procurando trabalho.

Ocorrida aos 39:00, a sequência revela a atração de Zofia por Rafal, que surge como o herói salvador, e a curiosidade que ela sente, buscando descobrir quem é e o que busca, o que ele não pode responder dada a amnésia devido às agressões. Rafal aceita o convite para ir com Zofia e o ajudante à casa dela para trabalhar no moinho de trigo, passando a dormir no celeiro e a ajudar em todas as atividades da propriedade.

Alerto para o que é relevante para este estudo: o uso do condicional “se”; antes, porém, adiciono um detalhe. O segmento “para minha casa” emerge como ato falho e Zofia percebe o descompasso do discurso, corrigindo-se com “para o meu moinho”, o que a recoloca no prumo do trabalho e não da atração que a invadiu. Em outros termos, a relação ideológica que recoloca Zofia nos eixos é que o convite só pode ser feito, se for para trabalhar e não para o que o ato falho revela. Isto é: o terceiro elemento (“o homem pode ser convidado a trabalho”), ideológico, que ancora a relação se/então, com efeito de necessidade, não permite que o convite seja feito, com cunho de apelo erótico-sensual, mas é admitido, se estiver ligado ao trabalho, mesmo que seja somente uma máscara amenizadora do que se passa pela (in)consciência.

2.3 Se perder a aposta...

A terceira sequência ocorre aos 44:20 e é produzida pelo barão Krzeszowski para o conde Leszek Czynski, depois de os dois chegarem à taberna de Rosenstein e buscarem acertar os termos da aposta sobre o tempo que o conde levaria para conquistar Marysia. Ele afirma que, no máximo em uma semana, ela seria sua e estava disposto a apostar a motocicleta contra a égua pertencente ao amigo. Em resposta, o barão sugere em tom de desafio:

SD3) – Tive uma ideia. Se perder a aposta, vai trabalhar aqui como garçom um dia inteiro (40:40).

Indo ao ponto: o condicional “se” define uma previsão que deve se realizar, caso o barão vença a aposta e, já que valoriza mais a sua posse, faz o adendo de o conde “ter que trabalhar como garçom”, que seria uma desonra. A atividade vergonhosa ocorreria, caso Leszek perdesse

a aposta, o que se baseia no terceiro elemento de que “aquele que perde a aposta deve esperar o acordo”, com a consequência, no caso, de o conde se submeter a uma atividade demeritória, para equivaler à perda do barão. O enunciado se ancora, portanto, sobre um prisma ideológico de valorização da palavra dada por cavalheiros e de menosprezo em relação a determinados trabalhos, injunções sob as quais os dois nobres se postam e julgam o mundo a partir de uma relação condicional ideológica simulada como necessária e obrigatória

2.4 Se tiver esposa... Se for padre...

Numa das ocasiões em que Zofia e Rafal estão transportando farinha de trigo produzida no moinho para ser comercializada no vilarejo, ela conduz a carroça e ele está ao seu lado. A conversa entre os dois gira em torno de quem ele poderia ser. Zofia cogita:

SD4) – Talvez você seja um príncipe. Ou um barão, Talvez tenha propriedades no estrangeiro. E se tiver uma esposa? Ou pior, se for padre? (45:00).

Zofia está apaixonada e busca estar ao lado de Rafal. Conduzindo a carroça, ela elenca possibilidades sobre o que Rafal poderia ser e elas compõem um campo com cinco alternativas: “príncipe”, “barão”, rico, casado e “padre”. Embora a relação de condicionalidade surja só nos dois últimos segmentos, ela se espalha sobre os outros três, tecendo uma grade de valoração que separa o bom e o ruim em dois eixos; se ele for príncipe, barão ou rico, melhor; se ele for casado ou padre, pior. E cada um destes ingredientes se ancora numa teia de apreciação ideológica que, por meio de simulação, estabelece conclusões apriorísticas que orientam o discurso e se impõem sobre o expectador, interpelando-o como partícipe de uma concepção de mundo.

Se, por um lado, *príncipe*, *barão* e *rico* são propriedades meritórias e, no caso de um ou outro, seria bom para Rafal (e para Zofia), *casado* e *padre* pertencem ao polo oposto, tornando-o inadequado para as ambições de Zofia; menos, se for casado, e mais, se for padre, pois, no primeiro caso, haveria uma solução, o que não aconteceria se ele for padre. O discurso de Zofia se mostra, pois, ancorado numa grade ideológica que, amparando-se em discursos prévios (“ser príncipe/barão/rico é bom” e “ser casado/padre é ruim”), dita o que pode aceitar e o que seria impróprio, fazendo-o por meio de uma relação condicional que simula um raciocínio de cunho imperativo ao modo do se/então, quando ele é conjuntural e histórico.

2.5 Se ele ganhasse...

À 1:04:00, já namorando com Marysia, Leszek, ainda não percebendo o equívoco que cometera, comenta com a moça a aposta que o barão tinha proposto (ver SD3 acima) e afirma que o ajuste não tinha aceito, por causa do adendo que ele teria que cumprir, caso perdesse:

SD5) – Não importa. Não teve aposta. O idiota sugeriu que, se ele ganhasse, eu teria que ser garçom por um dia (1:04:00).

O discurso de Leszek provoca um efeito negativo imediato em Marysia, dado que era garçonete na taberna, buscando recursos para a faculdade. Para o conde, uma aposta deve ser honrada por quem a perde e ele não deseja cumprir os termos previstos, já que ser garçom seria uma desonra. Há dois imperativos que assombram Leszek: “apostas devem ser cumpridas” e “o trabalho de garçom não é digno”. Imerso em simulações de cientificidade pela ideologia, ele não percebe a contradição entre o julgamento que profere e a namorada exercer a atividade depreciada. O processo “lógico” construído por meio do condicional “se” o coopta de tal modo que o qualificativo que lhe parece adequado ao amigo é “idiota”. Em outros termos: se o amigo ganhasse a aposta, ele teria que pagar e, além da motocicleta, teria que ser garçom por um dia, o que seria uma desonra: eis a razão para idiotice da proposta do barão.

2.6 Se quer um homem...

Convivendo com Zofia e trabalhando no moinho, em momentos livres, Rafal passa a atender como médico, embora não saiba que é; contudo, a habilidade e a capacidade de fazer diagnósticos ajudam muita gente. Formam-se filas diante do celeiro em que atende sem cobrar pelo serviço. O médico é procurado por Walczakowa, mulher de má fama, que o procura com segundas intenções. Zofia discute com ela e determina, sem sucesso:

SD6) – Se quer um homem, vá fazer ponto em Redom!

Questionando Rafal se a mulher estava doente, ele afirma que ela nada tem e, diante da contrariedade de Zofia, que não teria como saber sem consultá-la. Resta analisar o condicional “se” no discurso de Zofia. Dizendo a Walczakowa que, se “quer um homem”, deve “fazer ponto em Redom”, ele permite inferir que Rafal não poderia ter outra, pois já tem Zofia, e que a atitude era escandalosa. Trata-se, portanto, de dois terceiros elementos (contra o adultério e contra a lascívia) que não coadunam com determinado modo de sexualidade e que definem a maneira e o local em que podem ocorrer. Por meio de uma relação simuladamente lógica construída pela relação se/então, Zofia busca restabelecer o acordo ideológico previsto, condenando quem tenta quebrá-lo, ao mesmo tempo que defende o seu homem, o seu negócio e o seu vilarejo, buscando impor uma determinada ordem ideológica sobre a sexualidade.

2.7 Se envergonhar nosso nome

Por estar apaixonado por Marysia, Leszek tem conflitos com a família, sobretudo com

a mãe, que pretende casá-lo com uma nobre e entende que o envolvimento do filho com a moça é só um passatempo de juventude. Rebelando-se, o rapaz, abandonando a casa dos pais, quando carrega as malas pelo corredor, ouve da condessa:

SD7) – Se envergonhar nosso nome, terá que deixar o palácio (1:09:50).

O discurso, ocorrido à 1:09:50, carrega um efeito inevitável de ameaça ao filho, além de explicitar que, caso o envolvimento dele com Marysia fosse apenas mais um caso passageiro, não seria vergonhoso, mas, se ele casasse com a garçonne, estaria cometendo uma desonra para o nome nobre da família. Não se trata, pois, de o jovem não poder viver uma aventura com uma plebeia; trata-se de não “envergonhar nosso nome”, rebaixando-se à indignidade por contrair compromisso matrimonial com alguém “inferior”. No limite, a preocupação da condessa é com a manutenção do nome e a “pureza” da linhagem, devendo, se necessário, reprimir o desejo do filho. Eis um preceito ideológico pautado na distinção de descendência e na impossibilidade de uma casta ser invadida e maculada por outra sem provocar vergonha, desonra e opróbio. Tudo ao sabor da “lógica” ideológica de que uns são mais dignos do que outros.

2.8 E se ela voltar?

Zenek é um moco que deseja Marysia para si, mas a moça o rejeita. Tendo o conde como rival, uma noite, bêbado, corta os freios da motocicleta, o conde com Marysia na garupa sofrem um acidente, a moça fica gravemente ferida e é salva por Antoni por meio de uma craniotomia. Ao se recuperar, ela visita a taberna e Rosenstein a recebe efusivamente:

SD8) – Meus Deus, Srta. Marysia. O piano está esperando. Apareceu um comprador. Mas pensei: “promessa é dívida”. E se ela voltar? Como vou olhar nos olhos dela?

No discurso de Rosenstein, à 1:45:50, percebe-se a entonação de alegria de quem revê um ente querido, além do que pesa positivamente o fato de cumprir a promessa de não vender o piano. Entretanto, em que pesem elementos a favor do taberneiro, inclusive por ter resistido a um comprador, o condicional “se” abre uma brecha no discurso, quase ao modo da confissão de que a tentação teria sido forte e que a venda só não ocorreu por causa da dúvida sobre se Marysia sobreviveria. Em outros termos: dada a possibilidade de a moça voltar, a venda não aconteceu, em face, também, da premissa de que “promessa deve ser cumprida”. O discurso permite inferir o que Rosenstein faria, se não houvesse a condição da volta, podendo-se afirmar que a promessa desandaria, até porque o piano tinha sido dado e o taberneiro não teria mais quem o tocasse. Em suma: promessas feitas a vivos têm um grau de compromisso diferente do

que para quem já partiu; eis uma premissa não muito agradável e desalentadora.

2.9 Se alguém estivesse doente...

Trago um último excerto que subordina o condicional “se” à determinação ideológica, embora se apresente como tecendo uma relação lógica de organização com efeito de conclusão obrigatória. Ele se refere ao discurso de um dos depoentes no julgamento de Antoni, acusado de curandeirismo e charlatanismo por praticar Medicina sem estar habilitado para fazê-lo. O fragmento ocorre às 2:05:00 e diz respeito a um depoimento favorável ao médico.

SD9) – Se alguém estivesse doente, procurava Antoni. Ele sempre ajudava. Nunca aceitou pagamento. Aposto que Zoska não ficava satisfeita.

Dada a condição de estar doente, o depoente atesta que, então, o necessitado procurava por Antoni, que nunca se recusou a ajudar e não aceitava pagamento, em desacordo com Zofia. No celeiro de atendimento, formam-se filas e várias pessoas são curadas. O depoimento, desse modo, ancorado em momentos de fragilidade das pessoas, constrói a imagem de abnegação e solidariedade de Antoni, como também de honestidade, pois ele não cobrava por não se julgar um médico, mas meramente alguém que ajudava quem precisava. A sustentação ideológica do depoimento, se não a revelasse por si mesmo, neste caso, conta com a discordância de Zofia sobre a gratuidade dos atendimentos. De toda sorte, o julgamento positivo de Antoni se sustenta no altruísmo e na renúncia, tornando-o “aquele que ajuda aos doentes não deve ser punido”, em face do amparo sem compensação, constituindo, portanto, uma espécie de generalização que, ideologicamente, separa o desejável e o indesejável sob prismas distintos de avaliação.

2.10 Se causada por trauma na cabeça...

Contrariamente aos casos anteriores, amparados ideologicamente, ou seja, constituídos por ditames conjunturais, o próximo, e último, mostra outro funcionamento, pois não se ancora numa comunidade de concepção, mas se sustenta em parâmetros objetivos que transcendem as circunstâncias, não dependendo de um sujeito que o valide, mas do conhecimento que veicula. Nele, à revelia de cumplicidades, identificações e simulações, ocorre o retorno de um saber sem sujeito e cujo silogismo de constituição é demonstrativo.

Dobraniecki, colega cirurgião de Rafal, não esperava o retorno do colega e, sabendo das suas atividades, desloca-se para a aldeia, a fim de verificar a craniotomia feita pelo “curandeiro” e se espanta com a perícia do trabalho. Como ocupou a posição que teria sido de Rafal, o médico teme a recuperação da memória e busca se cercar de precauções para evitar o transtorno. Pesa contra ele ter abandonado Rafal durante o assalto, ter denunciado a morte do colega e ocupar

um posto que não seria seu. Após examinar a cirurgia de Marysia, ele diz a Zofia:

SD10) – A amnésia geralmente dura a vida toda, principalmente se causada por trauma na cabeça, como parece ter sido o caso. Mas, às vezes, os pacientes começam a lembrar certas coisas. Se isso acontecer, ele pode precisar de um médico. Então, se ele se lembrar de qualquer coisa, não hesite em me avisar. A qualquer hora, mesmo à noite.

Os três conectivos condicionais presentes no discurso, ocorrido à 1:34:50, apresentam um funcionamento que, embora não pela mesma razão, partem de uma premissa irrefutável: “a amnésia provocada por trauma na cabeça pode ser definitiva”; este é o terceiro elemento de sustentação de Dobraniecki, que pode, a partir dele, postular as demais condicionantes, embora as duas últimas, sem serem refutáveis, sejam sobredeterminadas pelo objetivo de saber o que se passa com Rafal e poder se antecipar às suas reações.

Se o primeiro condicional se ampara em evidências empíricas e quadros demonstrativos, permitindo a previsibilidade do mundo, os últimos dois, sustentando-se sobre ele, irrecusável, veiculam consequências advindas da admissibilidade do princípio, confirmando-o e atendendo, neste caso, ao cuidado e à precaução de Dobraniecki com relação ao futuro, em que pese Zofia, desavisada e crente na bondade do médico, entender que o que se passa não é menos do que abnegação e altruísmo da parte do visitante ilustre.

Em suma, eis o ponto a que pretendo chegar: se os primeiros nove casos analisados se sustentam sobre um ponto de vista que pode ser submetido à contradição em face da ideologia que os anima, aqui, o fundamento é demonstrativo, inclusive, pelo modalizadores “geralmente”, “principalmente”, “parece” e “às vezes” que condicionam a tese postulada, tornando-a racional e admissível. Se, nos primeiros nove casos, o que funda a relação condicional está pautada em conjunturas definidas que determinam a historicidade do sentido, o último tem uma amplitude que ultrapassa limites sociais. Isto significa que o fenômeno da condicionalidade serve tanto à ideologia quanto à ciência, acobertando a primeira por meio de um efeito de cientificidade, o que demanda a necessidade de discernimento entre elas.

Considerações Finais

Espero ter mostrado que os conectivos condicionais revelam uma articulação que se sustenta sobre terceiros elementos que, como premissas de sustentação, autorizam que, a cada caso, uma conclusão se imponha, adquirindo efeitos de cientificidade ancorado em raciocínios silogísticos, racionais ou não. Neste caso, é plausível afirmar que, no caso do “se”, quando ele é usado, sua mobilização se ancora em relações do tipo se/então, sendo o caso de que, dada a propriedade em pauta, por “dedução”, alcança-se uma previsibilidade sobre o mundo.

Espero ter mostrado ainda que o terceiro elemento que sustenta o uso dos condicionais, em que pese produzir um efeito de inferência obrigatória e necessária, não se articula a partir da mesma natureza de background, transitando entre a ideologia e a ciência. Se, por um lado, o seu uso dá acesso a saberes que se pautam em raciocínios demonstrativos, por outro, permite vislumbres sobre constituições conjunturais e sobre a ideologia que sustenta um imaginário, o que pretendi obter com o filme “Amor Esquecido”, trazendo alguns elementos componentes das concepções do mundo polonês interiorano, ao sabor de como ele é representado.

E, por fim, espero ter trazido à tona o fato de que, por se valerem dos mesmos fenômenos linguísticos, a descontinuidade entre a ciência e a ideologia é acobertada; neste caso, por meio dos conectivos condicionais, a ideologia simula efeitos de cientificidade, dado que mobiliza procedimentos de montagem de raciocínios que, parecendo lógicos, são ideológicos.

E, para finalizar: “Amor Esquecido”, título do filme tomado como objeto de observação, revela-se agora com uma nuance que me escapou inicialmente; assim como Rafal, tomado pela amnésia, esquece-se da razão do amor por Marysia, o amor esquecido pode ser replicado sobre o sistema de apego às premissas que ancoram os discursos, ou seja, quem produz um discurso se ancora numa premissa amada, suportada e para sempre esquecida, porque inculcada por meio de interpelação. Entretanto, a percepção das filiações ideológicas com que se pactua sempre é possível e também os conectivos condicionais são um lugar de descoberta.

Referências Bibliográficas

- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel [1981]. Notas sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: **Análise do Discurso: Michel Pêcheux**. Textos Seleccionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.